

O EU LÍRICO MNEMÔNICO NO POEMA “INÚMERO” DE RUY ESPINHEIRA FILHO

THE LIRICAL MNEMONIC IN THE POEM “UNCOUNTED”, OF RUY ESPINHEIRA FILHO

Mayara Michele Santos de Novais*

Orientador: Professor Doutor Aleilton Fonseca

Resumo

O trabalho tem como objetivo analisar o poema “Inúmero”, de Ruy Espinheira Filho, presente no livro *Poesia reunida e inéditos* (1998) e publicado primeiramente no livro *As sombras luminosas* (1981). O sujeito lírico do poema “Inúmero” não é nostálgico, mas fica preso às lembranças pretéritas por haver questões mal solucionadas, impasses que no presente perturbam a memória do eu lírico. Diante desses impasses, este se mostra um pouco melancólico ao recordar situações já vividas e que só podem ser revisitadas através da memória, uma vez que o passado se faz irredigível totalmente como foi ou para se vivê-lo novamente.

Palavras-chave

Poesia. Memória. Inúmero. Ruy Espinheira Filho.

Abstract

The work aims to analyze the poem "Uncounted", of Ruy Espinheira Filho, present at book *Poetry gathered and unpublished* (1998) and first published in the book *The shadows bright* (1981). The lyrical subject of the poem "Uncounted" is not nostalgic, but is trapped by the memories preterit be poorly resolved issues, the present impasses that disturb the memory of the I lyrical, faced with these dilemmas, this proves a little wistful when recalling situations already experienced and that can only be revisited through memory, as the past becomes completely irredeemable as or to live it again.

Key Words

Poetry. Memory. Uncounted. Ruy Espinheira Filho.

O poema “Inúmero” de Ruy Espinheira Filho foi escrito entre 1975 a 1980, período tido como moderno ou contemporâneo. O poeta baiano expressa particularidades do eu lírico, como o traço mnemônico, uma marca da sua poesia, uma vez que o sujeito lírico em meio à multidão permanece isolado em seu

* Mestranda do Programa de Pós Graduação em Literatura e Diversidade Cultural pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Bolsista pela FAPESB. E-mail para contato: flormichele@yahoo.com.br.

próprio mundo, vivendo quase sempre com suas lembranças de acontecimentos passados. Pelo ato de recordar, muitas vezes o eu lírico torna-se melancólico, pois o passado não retorna, apenas deixa suas marcas.

A partir da leitura do poema podemos perceber quão mnemônico o eu lírico se apresenta:

POEMA “INÚMERO”

Para Jayro José Xavier

I

Junho desliza azul para o inverno,
onde a memória desperta, cálida de gestos
de outro tempo,
que hoje continuam como
então. Imóveis em cada instante do
movimento
e no entanto cumprindo o mesmo
vôo
em meu espaço, nítidos
como este azul sobre mim.

Onde a memória desperta
e que também é memória.
Tudo é memória, como a onda
que vamos visitar, e já nos habita
antes dos nossos pés na areia da prata,
porque é outra onda,
outras
que já marulham,
espumam
em nosso sangue,
como o inverno para o qual desliza
esta tarde
é denso de outro, outros.

Assim o teu sorriso que virá
já há muito me ilumina.

II

Deslizo com a tarde
para o inverno. A terra úmida
libera o hálito do
Dilúvio. E eu caminho
pela rua nevoenta,
viagem no interior
de uma viagem, que é
no corpo, no rio de outra
viagem, que...
E na origem
da luz talvez não haja
senão a ausência da estrela.

Caminho na rua antiga,
mas agora. E sou um menino
contendo um homem que contém
um menino.
Qual das minhas
mãos colheu a romã?
qual
crispou-se violenta?
qual
pousou suavemente
em tua mão?

Em vão interrogo, a meu respeito
a fonte
da infância
(mas da infância
da memória, que repara
as injustiças --- como

a pretérita ausência
de uma fonte).
Porém uma fonte
é apenas seu murmúrio. Assim
o Universo. Murmúrio só,
sem respostas (por isso
de sua costela o homem
arrancou Deus: para se consolar
desesperadamente).

III

Junho foge para
o inverno, e é inúmero.
Como
Amanhã, ou ontem.
Como
tudo.

Imergimo-nos
mutuamente, recíprocos.
E fluímos
(por exemplo) até
Essa rua de que há pouco
Falávamos. Onde
caminho, caminhamos, à garoa
e ao vento, entre os gestos
cálidos
desse tempo. Eternos
como junho e essa rua e esse
caminhar. Como tudo. E nada.

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 99-101)

¹ O poema "Inúmero" é dedicado a Jayro José Xavier, poeta residente em Niterói. Foi professor de literatura da Universidade Federal Fluminense, encontrando-se hoje aposentado. O autor afirma que lhe dedicou o poema por amizade e admiração. (Informação do autor por e-mail).

O poema “Inúmero”¹ está presente no livro *As sombras luminosas*, que tem poemas escritos de 1975 a 1980 e publicado em 1981. Também faz parte da coletânea de poemas reunidos pela Record e publicados em 1998 no livro *Poesia reunida e inéditos*. O poema é composto por três partes, sendo que a primeira tem três estrofes, a primeira com 10 versos, a segunda com 13 e terceira com apenas dois versos. A segunda parte tem também três estrofes, sendo 12, 11 e 15 versos em cada uma, respectivamente. E a terceira é composta por duas estrofes, a primeira com 6 versos e a segunda com 13 versos, versos estes que se apresentam livres e brancos.

Podemos dizer que o título já remete ao que não se pode contar numericamente, como se várias recordações fossem representadas, mas que a maioria (mesmo as ditas) encontra subentendida e oculta, guardadas e resgatadas apenas pelo uso da memória, ainda que de forma seletiva. Maria Theresa Abelha diz que “o passado nunca é devolvido ao presente no que integralmente foi, posto que isto é impossível, porquanto a memória é sempre seletiva, proustiniana sempre” (ALVES, 2004, p. 189), mas ao evocá-lo, as lembranças ajudam nessa sobrevivência.

No poema “Inúmero” o eu lírico deixa claro a relação com a memória. Para ele a memória é a constituição da matéria humana, a possibilidade de rever o tempo passado e que não é possível retorná-lo.

A primeira parte do poema começa a descrever o tempo em que fala o eu lírico e para qual ele se transporta.

Junho desliza azul para o inverno,
 onde a memória desperta, cálida de gestos
 de outro tempo,
 que hoje continuam como
 então.

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 99).

Junho é um mês simbólico na lírica espinheiriana, sendo que em diversos poemas junho aparece e quase sempre num tom melancólico, o que é justificável se pensarmos que é um período de mudança, fim do outono e início do inverno. O eu lírico diz que “Junho desliza azul para o inverno” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 99), inverno que remete ao frio e à melancolia, estação em que as pessoas se trancam mais e convivem mais consigo mesmo. Moacyr Scliar em *Saturno nos*

Trópicos comenta que Benjamin ao analisar a gravura de Durer diz que a pedra “dura e fria, é um símbolo da melancolia” (SCLIAR, 2003, p. 85), portanto o período frio pode ser associado também a um tempo melancólico.

Outro dado observado no primeiro verso é a cor azul, cor simbólica que aparece em vários poemas espinheirianos. O poema continua e percebemos a expressão “onde” que nos posiciona a um lugar, em que junho e o inverno existem, lugar este que é a memória.

No texto intitulado “Memória”, de Jacques Le Goff são discutidos conceitos acerca da mesma, segundo Yates a memória é “um glorioso e admirável dom da natureza, através do qual reevocamos as coisas passadas, abraçamos as presentes e contemplamos as futuras, graças à sua semelhança com as passadas” (YATES apud LE GOFF, 1996, p. 453), o que nos possibilita relacionar com a lírica espinheiriana, que usa a memória como tema e fonte. É pela memória que nos conhecemos e podemos trilhar nossos passos futuros. Em “Segunda elegia urbana” o eu poético diz:

< >
Caminho, caminho. A memória ecoa
o som dos passos. A este dia junto
outros. Anos inteiros. Aqui amei, ali sofri, adiante
fui mesquinho. É a minha cidade. Sou eu.

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 132).

O passado é retomado no presente, e no futuro esse presente será o passado da memória de um sujeito, de uma comunidade, suas idiossincrasias, suas recordações.

A memória no poema “Inúmero” aparece como desperta, acordando de um tempo e lembrando os gestos de outro tempo já vivido. Gestos apaixonados, quentes, de um tempo pretérito e que a memória revive ou os guardam e “hoje continuam como então” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 99). O eu lírico continua a falar da memória e das lembranças que aparecem imóveis,

(...). Imóveis em cada instante do
movimento
e no entanto cumprindo o mesmo

vôo

em meu espaço, nítidos
como este azul sobre mim.

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 99).

O vocábulo imóvel subentende algo que permanece igual, mas no poema a comparação que se faz é de movimento (aparentemente contraditório), movimentos imóveis, que quando representados também pelo mesmo rumo, há a ideia de paradoxo e completude. O imóvel e o movimento que cumprem o mesmo vôo. A palavra “vôo” aparece como um só verso, e ainda afastada da “margem”, o que nos indica o distanciamento de um ponto fixo, sendo que voar está longe da terra, em outro plano. Cumprem o mesmo vôo no espaço particular (meu), visível e comparado ao azul sobre o próprio eu lírico. Azul já citado e que dá uma conotação de claridade e algo tranquilo, uma memória bem solucionada até então.

O eu lírico continua a falar da memória, que agora não é mais o tempo cronológico, mas o tempo que guarda as recordações, seja ele quando ocorreu ou no presente, só que revisitando o passado. O uso do onde remete a lugar e é nesse ambiente que a memória desperta, como acredita Bergson ao afirmar que “é do presente que parte o apelo ao qual a lembrança responde, e é dos elementos sensório-motores da ação presente que a lembrança retira o calor que lhe confere vida” (BERGSON, 1999, p. 179). Para o sujeito poético:

Onde a memória desperta
e que também é memória.
Tudo é memória, como a onda
que vamos visitar, e já nos habita
antes dos nossos pés na areia da prata,
porque é outra onda,
outras
que já marulham,
espumam
em nosso sangue,
como o inverno para o qual desliza
esta tarde
é denso de outro, outros.

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 99).

Assim a memória de algum lugar que aparentemente estava adormecida desperta para se concretizar em memória ativa. O eu poético ainda pontua que tudo é memória, comparando as lembranças com a onda, que é um eterno ir e vim (passado e presente sempre juntos). Sendo que a onda que será visitada já existe dentro de cada um de nós, fazendo um paralelo com outro poema de Espinheira Filho, “Destino e Fuga”² que diz “para onde vamos é sempre ontem. Como de onde fugimos é sempre amanhã” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 149). Desse modo, o que ainda está por vir antes mesmo dos pés pisarem a areia já habita o eu lírico, seja porque o futuro logo se fará passado ou pelo simples fato da história está sempre se repetindo.

O eu lírico também afirma que a onda é outra onda, uma vez que o passado nunca é resgatado exatamente como ocorreu. Mas não é apenas uma onda, mas outras, como se as lembranças se fundissem em uma só e recriasse um outro passado. Há de se ressaltar também que na lírica o tempo passado, presente e futuro caminham lado a lado, sendo que “no mundo poético, o tempo é esférico e a lei que o rege é a do ‘eterno retorno’” (PEREYR, 2000, p. 19), ideia semelhante percebemos na escrita de Walter Benjamin, o qual já havia dito que “o eterno retorno é uma tentativa de unir os dois princípios antinômicos da felicidade: ou seja, o da eternidade e o do ‘mais uma vez ainda’” (BENJAMIN, 1997, p. 174).

As ondas agitadas espumam no sangue que corre nas veias do sujeito lírico e o inverno torna a voltar, sendo que agora é a tarde que desliza até ele, tarde profunda de outros invernos, na lei do eterno retorno, pois cada ano a estação se repete, guardando semelhanças e divergências. A tarde também pode ser associada à metade do dia ou da vida, sendo o presente, entre o passado e o futuro.

A terceira estrofe da primeira parte do poema sintetiza com dois versos, “Assim o teu sorriso que virá/ já há muito me ilumina.” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 99), uma mistura dos tempos futuro e presente, pois o sorriso que ainda não existe já ilumina o sujeito poético no momento atual. A segunda parte começa com a mesma expressão “deslizo”, o que representa suavidade, passar em silêncio junto com a tarde para o inverno.

Deslizo com a tarde
para o inverno. A terra úmida
libera o hálito do

² Poema publicado no livro *Memória da chuva* e também presente na coletânea da Record, lançada em 1998.

Dilúvio. E eu caminho
pela rua nevoenta,
viagem no interior
de uma viagem, que é
no corpo, no rio de outra
viagem, que...

E na origem
da luz talvez não haja
senão a ausência da estrela.

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 100).

A terra úmida nos dá a ideia de que há pouco chovia, mas são chuvas do Dilúvio, antes de Cristo, retratado no Velho Testamento da Bíblia. O tempo atual ou há pouco passado e o pretérito longínquo se misturam em um só passado na memória lírica. A imagem da água também sugere transformação, a água que é vida e morte, elemento da natureza que causa medo e simboliza o novo.

O andar do eu lírico pela rua se transforma numa viagem dentro de si, “viagem no interior de uma viagem, que é no corpo” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 100). A viagem leva um ser a outro lugar, mesmo quando no interior do próprio eu, que pode através da memória viajar a tempos remotos assim como viajar para tempos que ainda virão. O rio também representa água, elemento sempre recorrente, misterioso, tal como o verso em que o “que...” parece ter acontecido algo ou está para acontecer, mas foi ocultado, deixando nas entrelinhas.

Outro verso que está afastado da “margem” é “E na origem” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 100), pois a distância é o vazio, uma vez que antes da origem nada existia. A origem da luz talvez seja a ausência da estrela, talvez que não expressa uma certeza (característica da modernidade, a quebra das certezas e o constante questionamento). Fonseca-Silva (2007) comenta que “a metáfora da memória aparece, também, no trabalho de Freud, para quem o aparelho psíquico é um aparelho de memória e a memória é a essência do aparelho psíquico e não apenas uma de suas propriedades ou funções” (p. 15). Freud que viu no sonho uma forma de estudar o passado para tentar compreender o presente ou a própria memória como *n’O Bloco Mágico*.

O eu lírico que caminha tenta chegar a um lugar, mas esse espaço é dentro de si, suas recordações. Ao caminhar ele se sente novamente um menino de outros tempos.

Caminho na rua antiga,
mas agora. E sou um menino
contendo um homem que contém
um menino.
Qual das minhas
mãos colheu a romã?
qual
crispou-se violenta?
qual
pousou suavemente
em tua mão?

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 100)

O eu lírico pela conjugação do verbo caminhar desempenha essa ação no presente, mas a rua é do passado, revisitada “agora”. Nesse entrar em si mesmo, ele se transforma em “um menino que contém um homem que contém um menino” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 100), como se o passado guardasse já o presente/futuro que nesse tempo torna a voltar ao passado.

O eu lírico questiona-se, sem achar as respostas para suas questões, perguntando ao vazio. Nesse momento sinaliza-se uma tensão, questões que não foram resolvidas durante a meninice do homem, mas é esse impasse que confere o significado da poesia, uma vez que “o significado da poesia é a sua ‘tensão’, o corpo plenamente organizado de toda a extensão e intensão que nela podemos encontrar” (TATE, 2002, p. 629).

Em *A verdade da poesia* Hamburger diz que “a verdade da poesia, e da poesia moderna especialmente, deve ser encontrada não apenas em suas afirmações diretas, mas em suas dificuldades peculiares, atalhos, silêncios, hiatos e fusões” (HAMBURGUER, 2007, p.61), traço comum do modernismo, as inquietações, silêncios como respostas às perguntas: “Qual das minhas mãos colheu a romã?/ (...) / Qual pousou suavemente em tua mão?”(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 100). Ainda no silêncio, muitas vezes o esquecimento dá lugar ao vazio da memória, mas quando salvo algumas informações a memória pode “reconhecer” elementos e “construir” um passado. O eu lírico do poema “Reconhecimento” se esquece de uma pessoa, mas por não ter sido esquecido consegue se lembrar.

E reencontrado, já sei
como não mais me perder:
que se algum dia de mim
começar a me esquecer,
é só fazer, na memória,
você me reconhecer...

(ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 137)

Halbwachs acredita que “para evocar seu próprio passado, em geral, a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras” (HALBWACHS, 2006, p. 72), o que o poema nos possibilita perceber, pois são memórias de pessoas de um determinado lugar, época e que mesmo um dos elementos sociais se esquecendo, outros continuarão a lembrar. Nesse sentido, a memória sempre vai está atrelada a outrem, afinal vivemos numa coletividade, pessoas e acontecimentos nos marcam e pela lembrança fundimos presente e passado, ainda que manipulando algumas cenas, mas pela memória muito pode ser resgatada, memória que sendo individual será sempre coletiva.

No poema em questão, o eu lírico se questiona pautado em elementos históricos, em recordações que envolvem outras pessoas, reconhecendo que muitas dessas inquietações não serão respondidas, por isso ele diz que

Em vão interrogo, a meu respeito
a fonte
da infância
(mas da infância
da memória, que repara
as injustiças --- como
a pretérita ausência
de uma fonte).
Porém uma fonte
é apenas seu murmúrio. Assim
o Universo. Murmúrio só,
sem respostas (por isso
de sua costela o homem
arrancou Deus: para se consolar
desesperadamente).

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 100-101)

O eu lírico masculino sabe que interrogar a fonte da infância, por mais que o vocábulo fonte sugira o início e provavelmente local em que as respostas se encontrem, a infância resgatada é a da memória, que para Marilena Chauí “é uma evocação do passado. É a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total. A lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará jamais” (CHAUÍ, 2002, p. 125). A memória da infância, segundo o sujeito poético, repara as injustiças e a ausência anterior. Ao falar da memória infantil o eu lírico uso o “porém”, uma adversativa, o que nos remete a concepção de que a fonte não é tão perfeita e justa, pois ela é apenas um murmúrio, palavras pronunciadas em voz baixa, várias vozes juntas ou lamento, pelo sentido literal. Murmúrio sem respostas e entre parênteses (como se fosse um comentário). Interessante que há uma inversão da história da Bíblia, pois Deus cria Adão e da costela de Adão faz Eva para ser a companheira, mas no poema o eu lírico diz que da sua costela o homem arrancou Deus e a função é se consolar com Deus, nos momentos de aflição. Para Roberval Pereira o impasse da modernidade “consiste precisamente na reconciliação de pólos tão estranhos e tão distanciados: a visão racional de mundo do homem moderno, à qual sob certo aspecto os próprios poetas não poderiam escapar, tende, por princípio, a uma depreciação do mito” (PEREIRA, 2000, p. 33), os mitos e crenças que começam a ser questionadas ou discutidas.

A terceira parte do poema retoma o mês de junho, que agora não mais desliza como no início, já não é mais suave e sim rápido, “junho foge para/ o inverno, e é inúmero” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 101). Os versos retomam as palavras da primeira parte “junho” e “inverno” e o título pela primeira vez é citado.

Junho foge para
o inverno, e é inúmero.
Como
Amanhã, ou ontem.
Como
tudo.

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 101)

Junho que foge para o inverno é inúmero como o amanhã, como o ontem, como tudo, visto que inúmero não é algo reduzido, mas várias vertentes de

possibilidades. O sujeito lírico finaliza, sintetizando o poema com a última estrofe em que diz:

Imergimo-nos
mutuamente, recíprocos.
E fluímos
(por exemplo) até
Essa rua de que há pouco
Falávamos. Onde
caminho, caminhamos, à garoa
e ao vento, entre os gestos
cálidos
desse tempo. Eternos
como junho e essa rua e esse
caminhar. Como
tudo. E nada.

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 101)

O eu lírico mergulha em si mesmo ou na sua memória. O sujeito do poema afirma, no plural, que fui (fluímos) até a rua que já havia falado, voltando-se ao passado, local em que caminha no presente sozinho e ao mesmo tempo acompanhado. Segundo Costa Lima “as memórias, principalmente a poética, dizem de várias zonas do eu, tantos quantos são os outros que o habitam” (LIMA, 1981, p. 160), por isso ao trabalhar memória, ainda que individual a memória será coletiva ou várias recordações que constituem uma memória do eu lírico. Sujeito este que recorda caminhando na rua, “à garoa e ao vento” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 101), entres os já comentados gestos cálidos. Concluindo o poema, o eu lírico tenta eternizar sua história revivida pela memória dizendo que eternos “como junho e essa rua e esse/ caminhar. Como/ tudo. E nada” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 101), uma vez que eterno é aquilo que permanece, ainda que apenas na memória, como o eterno caminhar, como a totalidade e ao mesmo tempo coisa nenhuma, antítese e complemento. O recordar do eu lírico ganha força uma vez que o homem é constituído de lembranças e ainda está vivendo ou revisitando o passado.

Portanto, percebemos ser a memória, que muitas vezes apresenta-se melancólica, interligadas, conforme Moacyr Scliar comenta sobre a obra de

Proust, afirmando que “não há memória sem melancolia, não há melancolia sem memória”. (SCLIAR, 2003, p. 83). Assim se constrói a modernidade, uma contemporaneidade moderna em que se faz pelo contraste, perceber a relação do passado e presente, afinal, através da poesia conseguimos enxergar na dor a beleza, e reconhecer pelo eu lírico elementos contemporâneos, da lírica que ainda que mnemônica reconhece seu presente.

Referências

ALVES, Maria Theresa Abelha. Ludus e littera: artimanhas da memória. *Léguas e meia*-revista de literatura e diversidade cultural, Feira de Santana: UEFS v. 3, n. 2, p. 188-200, 2004.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1997. (Obras escolhidas III).

BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CHAUÍ, Marilena. A memória. In: _____. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2002. p. 125-130.

ESPINHEIRA FILHO, Ruy. *Poesia reunida e inéditos*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

ESPINHEIRA FILHO, Ruy. *Sob o céu de Samarcanda: poemas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil/ Fundação Biblioteca Nacional, 2009.

FONSECA-SILVA, Maria da Conceição. Mídia e lugares de memória discursiva. In: FONSECA-SILVA, Maria da Conceição; POSSENTI, Sírio (Org.). *Mídia e rede de memória*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2007. p. 11-37.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HAMBURGER, Michael. Identidades perdidas. In: _____. *A verdade da poesia: tensões na poesia modernista desde Baudelaire*. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Cosac Naify, 2007. p. 63-87.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: _____. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão et al. 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996. p. 423-483.

LIMA, Luís Costa. Carlos Drummond de Andrade: memória e ficção. In: _____. *Dispersa demanda: ensaios sobre literatura e teoria*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 159-175.

PEREIRA, Roberval Alves. Unidade primordial da lírica moderna: o tumultuado aflorar de uma linguagem esquecida. In: FONSECA, Aleilton; PEREIRA, Rubens Alves (Org.). *Rotas e imagens: literatura e outras viagens*. Feira de Santana: UEFS/ PpgLDC, 2000. p. 29-41.

PEREYR, Roberval. *A unidade primordial da lírica moderna*. Feira de Santana, BA: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2000.

SCLIAR, Moacyr. *Saturno nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TATE, Allen. A tensão na poesia. In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura e suas fontes*. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2002. 2 v : p. 621-639.